

menos intensos da nossa luz — em buscar a Deus por nós mesmos, estimando pelo seu valor a meditação alheia — em procurar irmanar e harmonizar a ciência com a religião e a religião com a ciência — em pedir a esta a sanção da fé — em considerar a autoridade dos homens como autoridade falível, o que equivale a dizer: autoridade humana — em discorrer sobre o que a razão não comprehende e recusar o que a razão recusa por absurdo — em investigar a maneira mais própria e agradável de servir, em espírito e verdade, ao Pai comum das criaturas — em confiar á sua paternal justiça o que possa fortificar as nossas almas no desejo e na prática do bem — em reconhecer a nossa fraqueza, a nossa impotência, e implorar o superior auxílio em nossas dúvidas e desfalcamentos; se nisso consiste o nosso racionalismo, porque negá-lo, quando êle está na dignidade e nos atributos da natureza humana?

Quão errados vão os que pretendem perpetuar a infância da humanidade! A crença transformou-se em homem, e busca a emancipação e a independência próprias da nova idade em que entrou.

Não crêm no progresso dos tempos, e o progresso dos tempos se lhes impõe. Educaram as sociedades, mas não souberam aprender que as sociedades não ficam estacionárias. Monopolisaram a ciência, mas têm visto como ela irradia a sua luz em todas as direções, e não adivinharam que essa luz havia de espantar as trevas da fé que não se firmasse na ciência.

A história nada lhes ensinou — o véu das ciências experimentais e da filosofia nada lhes tem deixado ver — a Terra continua para êles fixa e encravada no centro do universo — e ainda têm a aspiração de deter o curso do sol, como Josué.

Talvez oponham, aos nossos bons desejos e sinceras observações, os seus costumados anátemas.

Não os tememos, porque já perderam a sua escassa importância, desde que se fizeram infalíveis; sentimos, porém, e deploramos isso, como sentimos e deploramos todos os abusos desta espécie, que se dão em nome de uma religião que recomenda a caridade como a primeira das virtudes.

Se nos amaldiçõam, nós os abençoamos. São nossos irmãos, e, ás suas palavras de ódio e de maldição, responderemos com palavras de amor e de perdão.

IV

*Razão das nossas crenças primitivas.
Insuficiência das crenças que se baseiam na
fé cega.*

Porque somos católicos romanos? Tal foi a primeira pergunta que formulámos, como primeiro ato de nossa independência religiosa.

Para responder e discorrer sem paixão, foi preciso varrer todo o espírito de seita, como o deve fazer todo o que deseja investigar a razão das suas crenças.

Somos católicos, ouvimos dizer, porque o foram nossos pais — porque o era o país em que nascemos — porque o foi a nossa educação — porque nos ensinaram a discorrer com o critério católico — porque só o catolicismo, entre as religiões, tinha carta de cidade no nosso solo — porque, não o ser, era incorrer no desprezo de muitos dos nossos concidadãos e nas iras de um clero prepotente — porque nos tínhamos convencido, á força de ouví-lo, que fóra dele não ha salvação — porque temíamos a cólera do Senhor, as unhas afiadas de Lusbel e as fogueiras do inferno com que se ameaçava aos que

não reconheciam a autoridade do que se assenta na cadeira de Pedro, isto é: na cadeira em que Pedro nunca se sentou — porque, finalmente, não deixávamos de entrever uma grande luz, um grande ensino e um grande fundo de verdade na religião romana.

Basta, porém, isto para justificar o nosso catolicismo? Não o podem contestar, em idênticos termos, os sectários das religiões primitivas? Também neles têm influído as circunstâncias de nascimento e educação, o egoísmo, a influência clerical ou sacerdotal, a esperança da salvação das suas almas, e o temor de terríveis castigos na vida de além-túmulo — e também êles entrevêm algo divino e verdadeiro no fundo das suas crenças religiosas.

Em tal caso, é preciso convir que não nos assistem, para sermos católicos, razões mais poderosas que as que podem alegar os judeus — os budistas — os sectários do bramanismo, os maometanos — e os filiados às diferentes seitas em que se acha dividida a religião cristã.

E havemos de convir igualmente que, para afirmarmos que as nossas crenças são as únicas verdadeiras, nos apoiamos nas mesmas razões que os filhos dos demais cultos invocam, para sustentarem que as únicas crenças verdadeiras são as suas.

Em suma, chegamos á conclusão de que éramos católicos romanos por sentimento, em virtude de uma série de circunstâncias que se agruparam em torno de nós, independentes da nossa vontade, alheias á nossa iniciativa. Católicos sem convicção — sem aquela convicção que penetra suavemente na alma por todas as suas avenidas — sem a convicção que é o resultado progressivo da comparação e da comprovação — sem a firme convicção que procede da harmonia das leis dos fatos com o juízo e da harmonia do juízo com a consciência.

Haverá católicos em grande número, que o sejam por este último critério?

E semelhante catolicismo, o geral, seja dito sem intenção de ofender, poderá satisfazer?

Podia êle servir-nos de ponto de partida, de primeiro degrau, para o nosso ensaio filosófico-religioso; mas faltava-nos a convicção, e uma voz poderosa, a da consciência e do dever, repetia-nos sem cessar: buscai a convicção, porque, sem ela — a fé é desprovida do mais legítimo dos seus títulos — a moral, do mais eficaz dos seus apoios — a religião, do mais sólido dos seus fundamentos.

V

Roma pôde errar. Tem errado. Pôde, portanto, induzir ao êrro.

Em nossos estudos, tomamos por ponto de partida a hipótese de que a igreja romana pôde errar e, portanto, induzir a êrro os fiéis que seguem os seus ensinos.

Aquele era ponto obrigatório, pois que, admitindo a infalibilidade de Roma, fica entendido que só ela tem o direito de estudar e decidir as questões religiosas.

Que Roma pôde errar, como duvidar, se está provado, á evidência, que ela tem errado? E se alguém duvidar, dê-se ao trabalho de lançar a vista pela história dos papas, dêsses deuses sagrados pelo último concílio ecumênico, e compare-a com a história dos deuses da antiga Grécia e da antiga Roma — compare-a com a de todos os dominadores dos povos — e, vendo como uns e outros seguem a mesma rotina de misérias — de corrupções — de fraquezas — de êrros — de contradições — de ambições — de fraudes — de arbitrariedades —